

Cimeira de Luanda

Tempo (812)
4/5/86 p.2-3

“Cinco” debatem futuro das relações

Foi aberta na passada segunda-feira, dia 28 de Abril findo, a 6.^a Cimeira dos Chefes de Estado e Governo dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), cujos trabalhos, a decorrer em Luanda, foram precedidos de uma reunião preparatória ao nível ministerial. A delegação moçambicana é chefiada pelo Presidente Samora Machel.

Os cinco Chefes de Estado encontravam-se presentes, nomeadamente, José Eduardo dos Santos (Angola), Aristides Pereira (Cabo Verde), Bernardo Vieira (Guiné-Bissau), Samora Machel (Moçambique), e Manuel Pinto da Cos-

ta (S. Tomé e Príncipe). Foi o Presidente são-tomense, na sua qualidade de Presidente cessante dos «Cinco» que inaugurou oficialmente os trabalhos da Cimeira de Luanda.

Esta 6.^a Cimeira deverá analisar as propostas da reunião ministerial, agora sob a presidência de Angola, já que S. Tomé e Príncipe deixa a coordenação dos trabalhos que detinha desde a anterior cimeira, a quinta realizada há pouco mais de um ano no seu território. A vice-presidência do encontro pertencerá a Moçambique.

Na sua alocução, que se seguiu à do Presidente Manuel Pinto da



Aspecto da 5.^a Cimeira em que dois novos Presidentes tomam parte — José Eduardo dos Santos (Angola) e Bernardo Vieira (Guiné-Bissau), o primeiro que sucede ao falecido Agostinho Neto e o segundo que depõe Luís Cabral. (Foto do Arquivo)

Costa, o Chefe do Estado angolano, diria que o sonho dos três grandes nacionalistas e impulsionadores dos movimentos de libertação das antigas colónias portuguesas — Eduardo Mondlane, Agostinho Neto e Amílcar Cabral — se está a tornar uma realidade palpável «que promove a aproximação entre os Povos, a concentração de vontades políticas que gera a solidariedade e os mecanismos da luta pela paz, igualdade, desenvolvimento e cooperação».

A luta pela paz, contudo, passa pela situação de guerra em que vive toda a África Austral, onde a desestabilização terrorista da UNITA em Angola e dos bandidos armados em Moçambique não pode ser entendida como factos isolados mas como uma estratégia concertada do imperialismo para esta zona do continente.

A existência do último reduto de colonialismo no continente (a Namíbia) e a permanência do apartheid como filosofia do regime de Pretória foram ainda considerados assuntos pertinentes para serem abordados neste encontro dos cinco PALOP.

Anteriormente, o Presidente cessante dos «Cinco», Manuel Pinto da Costa, havia considerado que a cooperação existente entre os nossos países não encontra paralelo no mundo tendo sugerido que a realização deste tipo de cimeiras fosse mais espaçada (presentemente é anual) por forma a que o país coordenador disponha de mais tempo para levar a bom termo a sua função.

A reunião ministerial preparatória preparou temas a serem abordados nesta 6.ª Cimeira, tendo aprovado, no domínio da cooperação monetária, um projecto visando a criação de uma Associação de Formação Interbancária, bem como acções conducentes à coor-

denação de esforços na organização e informatização dos bancos centrais dos «Cinco».

A primeira das cimeiras dos «Cinco» PALOP foi também realizada em Luanda, (1979) tendo sido presidida na altura pelo falecido Presidente Agostinho Neto que a considerou como uma conferência de militantes. Posteriormente e sem que tenha sido respeitada rigorosamente uma periodicidade anual), realizaram-se cimeiras em Moçambique (1980), Cabo Verde (1982), Guiné-Bissau (1983), S. Tomé e Príncipe (1985), sendo esta, consequentemente a

sexta realização e a segunda da responsabilidade angolana, agora sob a liderança do Presidente José Eduardo dos Santos.

Recorde-se igualmente e a talhe de foice que este tipo de cimeiras vem na esteira de encontros realizados no seio do extinto Comité das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP) que coordenava as acções dos movimentos nacionalistas e guerrilheiros no tempo da luta política e armada contra o colonialismo português.

J. S.